

Uma nota sobre a hipótese da similaridade construcional

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i1.4029>

Taísa Peres de Oliveira¹

Resumo

Neste artigo, analiso microconstruções distintas que apresentam alto grau de similaridade semântica e pragmática. A partir da análise de quatro conectores condicionais do português brasileiro, a saber *contanto que*, *desde que*, *a menos que* e *a não ser que*, este estudo demonstra que, embora formalmente diferentes, essas microconstruções exibem padrões de uso, funções discursivas e projeções semânticas amplamente compartilhadas. Assentada na teoria da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2021), proponho a hipótese da similaridade construcional, segundo a qual construções podem ser alternativas funcionais dentro de um mesmo subesquema, entendendo que, para além das generalizações baseadas na construção específica, existem generalizações baseadas em alternâncias que também consistem em informações armazenadas na representação cognitiva dos usuários.

Palavras-chave: gramática de construções; conectores condicionais; sinonímia

¹ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil; taisap oliveira@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-2439-5604>

Abstract

In this paper, I analyze distinct micro-constructions that exhibit a high degree of semantic and pragmatic similarity. Taking into account the description of conditional connectors *contanto que*, *desde que*, *a menos que*, and *a não ser que* in Brazilian Portuguese, this study demonstrates that, although formally different, these micro-constructions display widely shared usage patterns, discourse functions, and semantic projections. Grounded in Construction Grammar theory (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2021), I propose the hypothesis of constructional similarity, according to which constructions may serve as functional alternatives within the same subschema. This approach assumes that, in addition to generalizations based on individual constructions, there are alternation-based generalizations that also constitute information stored in speakers' cognitive representations.

Keywords: construction grammar; conditional connectors; synonym.

1. Introdução

Um dos princípios mais caros à Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2021), em qualquer vertente, é o Princípio da não-sinonímia, segundo o qual,

Corolário A: se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não podem ser pragmaticamente sinônimas.

Corolário B: se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então elas não podem ser semanticamente sinônimas (Goldberg, 1995, p. 67).

De modo mais geral, o princípio sustenta que a sinonímia perfeita (plena), que associaria duas formas diferentes a uma mesma função (significado), não existe. Evidentemente, essa premissa não é nova na linguística, especialmente entre os modelos teóricos ligados ao paradigma funcionalista (Bolinger, 1977, Haiman, 1978, Givón, 1985, Langacker, 2008). De acordo com Bolinger (1977, p. X, tradução própria) “[...] a condição natural da linguagem é preservar uma forma para um significado”². O entendimento geral subjacente é que a linguagem é restrita por um equilíbrio natural entre o poder expressivo (usuários necessitam de formas distintas para expressar com eficiência um vasto conjunto de significados) e a economia linguística (não há necessidade de existirem duas formas diferentes para expressar o mesmo significado), fundamento central em qualquer teoria funcionalista.

² No original: “[...] the natural condition of language is to preserve one form for one meaning”.

Especificamente no quadro teórico formado pela Gramática de Construções, a premissa está na própria base epistemológica do modelo, que refuta a existência de regras de transformação de estruturas de superfície a partir de uma mesma estrutura profunda (com mesma semântica). Muitas são as construções que, com semântica semelhante e forma diferente, se diferenciam em razão de aspectos pragmáticos, como por exemplo as diferenças entre formas plenas e contraídas, construções passiva e ativa, construções modalizadoras, construções com inversão de ordem dos constituintes, entre outras. No entanto, a questão maior não parece ser identificar as diferenças, mas compreender em que medida essas diferenças se mostram, de fato, relevantes.

Recentemente, um conjunto de pesquisadores ligados ao quadro da Gramática de Construções têm pensado a questão da alternância construcional (Capelle, 2006, Van de Velde, 2014, Uhrig, 2015, Perek, 2015, Diessel, 2019, Laporte *et al.*, 2021). Assumindo posicionamentos semelhantes, os autores compartilham do entendimento de que o Princípio da não sinonímia, tal como formulado em Goldberg (1995, 2006), e amplamente aceito na abordagem construcional, precisa ser, em alguma medida, reelaborado. O princípio se assenta numa perspectiva semasiológica de que um padrão construcional “é mais bem analisado por si só, sem considerar referências implícitas ou explícitas a um possível sintagma alternativo”³ (2006, p. 25, tradução própria). A questão principal aí é que, ao tomar um padrão apenas verticalmente, analisado por si só, desconsidera-se o conhecimento que os falantes têm sobre similaridades entre construções alternativas. Essa questão é discutida em Cappelle (2006, 2009; Perek, 2012, 2015; Devaere, 2020, Oliveira (2025)). Uma teoria gramatical que tenha como objetivo modelar o conhecimento linguístico do falante não deveria ignorar a intuição que os falantes têm sobre similaridades entre construções. Outro ponto que também tem sido discutido é a questão da gradualidade, que parece, de algum modo, perdida quando se assume a relação “uma forma para uma função” tomada numa observação puramente vertical, sem considerar a constelação de construções também na horizontalidade. A gradiente e a gradualidade, tão cara aos modelos funcionalistas, cognitivistas, baseados no uso ficaria restrita, então, apenas na verticalização entre construções mais e menos abstratas e esquemáticas?

É exatamente nesse contexto que se insere o objetivo deste artigo: aqui pretendo explorar as preferências colocacionais para mostrar como, apesar de diferentes em alguma medida, construções podem sim ser usadas com funções muito semelhantes, numa relação de alternância construcional. Especificamente, aqui analiso construções em níveis mais baixo de esquematicidade e abstração para identificar (i) as propriedades que as assemelham e, a partir da análise das preferências distribucionais, (ii) aquelas que as diferenciam.

3 No original: “[...] is best analyzed in its own terms, without relying on explicit or implicit reference to a possible alternative phrase.

A discussão desenvolvida aqui parte da descrição realizada em Oliveira (2008, 2009), em que defendo que conectores condicionais subespecificam três diferentes sentidos associados à zona da condicionalidade. Desses, retomo os subesquemas $[X \text{ que}]_{\text{CondPos}}$ e $[X \text{ se}]_{\text{CondNeg}}$, que, sancionados pelo esquema geral $[X \text{ conj}]_{\text{Cond'}}$ compartilham propriedades de formas e de funções. Para cumprir essa tarefa, este artigo está organizado do seguinte modo: primeiro, na seção 2, apresento as bases teóricas da Gramática de Construções, modelo que orienta minha discussão e análise; em seguida, na seção 3, apresento o universo de análise e a descrição dos conectores objeto, na seção 4, na seção final, apresento as implicações dessa análise para os modelos baseados no uso e para a gramática de construções e algumas possibilidades de análises.

2. A Gramática de Construções

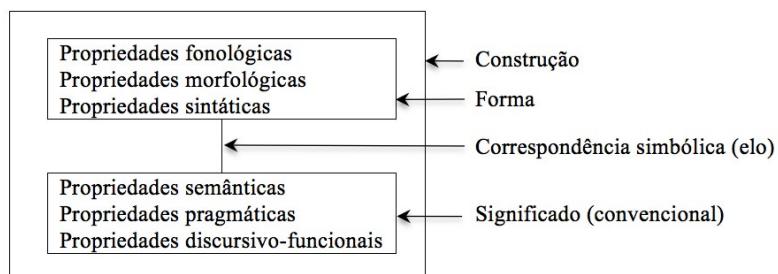
Neste trabalho, assumo como fundamento teórico de base a Gramática de Construções (Croft, 2001; Goldberg, 2006, 2019; Diessel, 2019), que, vinculada aos Modelos Baseados no Uso, entendendo que a estrutura linguística é moldada pela experiência do usuário da língua, refletindo habilidades cognitivas que atuam em outros sistemas do conhecimento humano. A abordagem construcional, em suas diferentes vertentes, se pauta por um conjunto de premissas básicas, dentre os quais destaco:

- 1) O conhecimento sobre a língua envolve reconhecer pares de forma e significado com diferentes graus de complexidade e em vários níveis de abstração, reconhecendo a língua como um sistema de signos convencionais (Croft, 2001; Langacker, 2008; Goldberg, 2006, 2019; Bybee, 2016; Traugott, Trousdale, 2021).
- 2) A relação entre a estrutura linguística e o significado não é fixa. A estrutura linguística tem potencial para o significado, que emerge a partir de rotinas cognitivas de padrões mentalmente acionados pela experiência com a língua.
- 3) A não separação rígida entre léxico e gramática. As categorias são radiais e graduais, sem limites claros (Langacker, 2008; Bybee, 2016; Traugott, Trousdale, 2021).
- 4) O sistema linguístico é organizado e motivado por habilidades cognitivas gerais, porque a estrutura linguística é parte de estruturas conceituais mais amplas (Langacker, 2008; Bybee, 2016).
- 5) A língua faz parte de uma estrutura conceitual mais ampla, organizada numa rede cognitiva em que nenhuma construção (também chamada de nó) está totalmente isolada, mas interconectada por relações associativas que podem ser acionadas, expandidas e (re)elaboradas a partir dos eventos de uso da língua (Langacker, 2008; Hudson, 2010; Goldberg, 2006, 2019; Traugott, 2022).

- 6) A rede como a representação cognitiva do conhecimento linguístico, os diferentes modelos partem do pressuposto de que a rede está assentada sobre habilidades cognitivas gerais, como pensamento analógico, categorização, abstração, rotinização e automação (Langacker, 2008; Hudson, 2010; Goldberg, 2006, 2019; Traugott, 2022).

Nesse contexto, a unidade fundamental de análise é a **construção**, que abriga unidades mínimas, como os morfemas, e unidades complexas, como os idiomatismos e os padrões e as regularidades mais abstratos (padrões de ordenação de constituintes e estrutura argumental, por exemplo). Ao assumir a construção como unidade fundamental da língua, a Gramática de Construções elabora um modelo de análise que dá abrigo tanto às propriedades linguísticas mais centrais como às mais periféricas e idiomáticas, sem recorrer a transformações e derivações, que fatalmente levam à proposição de categorias vazias e posições absolutas, o que é prontamente rejeitado pelo modelo. Por aí também se rejeita a modularidade e compartimentalização da gramática, que é concebida como a organização de estruturas linguísticas interconectadas na rede, o que torna irrelevante a proposição de diferentes níveis de análise. Ainda, ao tomar a construção como unidade de análise afasta-se a rígida distinção entre léxico e gramática, entendendo que as construções podem flutuar entre os dois polos, assumindo a gradualidade em todos os sentidos e direções, seja radialmente numa categoria, seja pela interconexão e mescla de categorias. Assim, a construção, entendida como o pareamento convencional de forma-significado em qualquer nível de complexidade estrutural e linguística, é a unidade fundamental da língua, e pode ser representada, seguindo Croft (2001), pela Figura 1.

Figura 1. A construção



Fonte: Adaptado de Croft (2001, p. 18)

No plano da forma, representam-se as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas de uma construção; e, no plano do significado, representam-se todos os aspectos convencionalizados de sua função, incluindo suas propriedades semânticas, pragmáticas e, também, as propriedades da situação, do discurso e do contexto da interação verbal em que é usada. O que se vê, portanto, é que qualquer unidade da língua deve ser analisada como construção, do morfema e itens lexicais aos padrões sintáticos mais abstratos e expressões idiomáticas. As construções estão ligadas umas às outras em uma rede cognitiva que, inspirada na neural, busca representar o modo como indivíduos armazenam e processam informações, que é o que passo a discutir em seguida.

3. Os conectores condicionais no português

3.1. Os dados

Os dados foram coletados no banco de dados *Corpus do Português*, disponível em www.corpusdoportugues.org (Davies; Ferreira, 2006). Aqui, utilizei a modalidade Gênero/Histórico, que conta com aproximadamente 45 milhões de palavras distribuídas em textos oral, de ficção, jornalístico e acadêmico, recortados no século XIX e XX, considerando apenas a variedade do português brasileiro. Para a busca, os dados foram pesquisados pelo buscador do próprio córpus a partir dos comandos *contanto que*, *desde que*, *a menos que* e *a não ser que*, selecionando apenas ocorrências dos conectores em contexto de condicionalidade. Foram encontrados um total de 1440 dados. Os dados foram organizados e processados por meio do programa de análise estatística *Studio R* (2024), seguindo os roteiros de análise elaborados em Gries (2014) para análise colostrucional tal como desenvolvida por Gries e Stefanowitsch (2004).

3.2. Descrição dos dados

Aqui retomo as análises desenvolvidas por mim sobre as orações e conectores condicionais em Oliveira (2008, 2009), em que descrevi o comportamento de diversos conectores condicionais em português. Para tanto, considero as microconstruções conectivas [contanto que], [desde que], [a menos que] e [a não ser que], cuja frequência absoluta é apresentada na Tabela 1. Para essa discussão, levanto suas propriedades morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e contextuais, para mostrar como os usuários da língua têm conhecimento de sua semelhança e fazem suas escolhas dentro desses contextos. Nesse sentido, e considerando que a gramática consiste numa representação conceitual e cognitiva do conhecimento que falantes têm sobre a língua, essa similaridade deve ser pensada dentro da teoria, que é o que proponho aqui.

Tabela 1. Frequência bruta das microconstruções

Contanto que	305
Desde que	734
A menos que	191
A não ser que	210
Total	1440

Fonte: Elaboração própria.

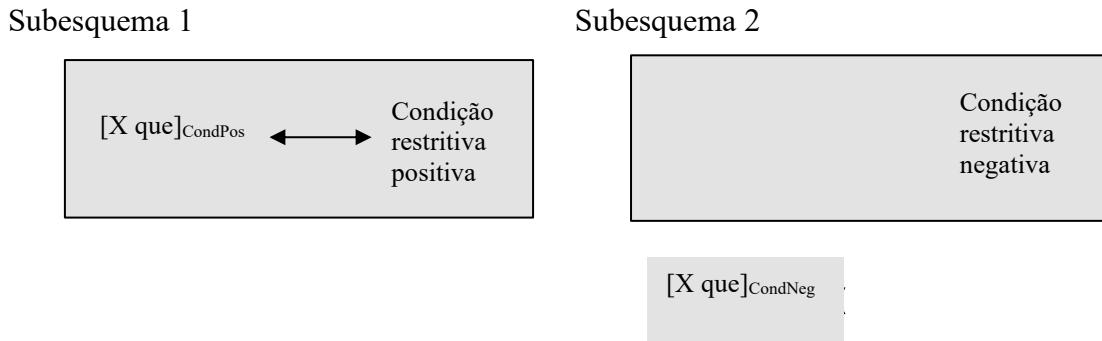
Conforme demonstrei em Oliveira (2008, 2009), conectores condicionais podem subespecificar diferentes valores associados ao significado mais geral de condição. Aqui, trago dois subtipos específicos, os chamados **restritivos positivos** e os **restritivos**

negativos que atuam na indicação de uma condição necessária, daí o rótulo restritivo. Conectores restritivos positivos subespecificam as duas orações numa relação de implicação mútua, isto é, são ambas verdadeiras ou ambas falsas, como se vê no exemplo (1). No exemplo, o conector projeta dois espaços alternativos: um primeiro em que a verdade do condicionante leva necessariamente à verdade do consequente, e outro em que a falsidade do condicionante leva necessariamente à falsidade do consequente, já que exclui qualquer outro cenário para sua validação. Pode-se afirmar, então, que as situações projetadas a partir desse exemplo são “*as testemunhas a compreendam* é a única condição para o *testamento particular* *pode ser escrito em língua estrangeira*” e “*as testemunhas não compreenderem* é a única condição para o *testamento particular* *não poder ser escrito em língua estrangeira*”. Semelhantemente, conectores restritivos negativos operam o mesmo tipo de projeção, mas com cenários invertidos: isso porque, nesse grupo, além de marcarem uma condição necessária, os também conectores promovem uma inversão de polaridade, introduzindo uma condição que deve ser necessariamente negada para a validação do consequente, como no exemplo em (2). Nesse caso, a condição toma a forma “*atendam nossas exigências justas* é a condição necessária para a não validação do consequente *rejeitamos uma trégua*”. Há aí, além da bicondicionalidade, uma inversão de polaridade e os cenários possíveis são, portanto, invertidos: se o condicionante é válido, o consequente deve ser negado e se o condicionante é inválido (negado), o consequente se valida.

- (1) O testamento particular pode ser escrito em língua estrangeira, **contanto que** as testemunhas a compreendam. (19Ac:Br:Lac:Misc)
- (2) Rejeitamos uma trégua, **a não ser que** atendam nossas exigências justas (19N:Br:Recf)

O que tenho aqui, portanto, são dois grupos de conectores associados, cada um com uma subespecificação semântica respectiva. O primeiro pode ser generalizado a partir do subesquema $[X \text{ que}]_{\text{CondPos}}$, que codifica uma condição que deve necessariamente ser cumprida, ou segue-se necessariamente a não validação da situação descrita na oração núcleo. O segundo grupo é generalizado a partir do subesquema $[X \text{ que}]_{\text{CondNeg}}$, que codifica uma restrição negativa, indicando a situação descrita na oração condicional como única condição em que os sentidos codificados na oração núcleo não se validam, promovendo a inversão de polaridade entre oração condicional e oração núcleo. Pensando em termos do paramento de forma-significado, a partir dessas subespecificações, proponho representar os dois subesquemas na Figura 2:

Figura 2. Pareamento dos conectores condicionais



Fonte: Elaboração própria

A gramática, organizada em rede, representa como o conhecimento linguístico é organizado cognitivamente. Nela, a organização **vertical** em **elos de herança** representa o processo de abstração e categorização e como propriedades comuns/similares de forma e de significado das construções são armazenadas na memória dos falantes. As microconstruções generalizam feixes de propriedades comuns a partir de um conjunto de exemplares similares, os construtos, e, a partir daí, vão se extraindo propriedades de forma e de significado cada vez mais gerais, representadas nos níveis esquematicamente superiores e, por isso mesmo, mais abstratos. As microconstruções representam o primeiro nível de análise propriamente dito, nele os conectores são totalmente especificados. Suas propriedades são generalizadas nos subesquemas $[X \text{ que}]_{\text{CondPos}}$ e $[X \text{ que}]_{\text{CondNeg}}$, parcialmente esquemáticos e que ainda carregam distinções semânticas que são, por fim, generalizadas pelo esquema $[X \text{ conj}]$. Elos verticais de herança ligam essas construções nesses diferentes níveis de abstração e generalização, capturando as propriedades de forma e de significado compartilhadas. A modelagem da gramática, hierarquizada em diferentes níveis de abstração por meio de elos de herança, evidencia exatamente o processo como usuários da língua armazenam informações generalizadas a partir da experiência linguística, aqui representada pelos construtos nos boxes cinzas. A cada experiência, o construto vai deixando rastros na memória do usuário da língua e, à medida que essas experiências vão se repetindo, ou seja, à medida que é exposto, repetidamente, a instâncias similares, o falante começa a identificar padrões e regularidades, que são abstraídos num processo *bottom-up* e estocados como parte da representação cognitiva daquela construção. Em outras palavras, na organização vertical, os esquemas e subesquemas estocam representações cada vez mais esquemáticas, abstraídas sobre propriedades similares de forma e de significado de microconstruções, que, por sua vez, são abstraídas a partir de exemplares reais, instâncias de uso da língua.

Meu real interesse neste trabalho é descrever especificamente os traços das microconstruções, para entender em que medida são similares e se essa similaridade é adequadamente tratada num modelo de gramática que representa o conhecimento linguístico do falante.

Os conectores restritivos positivos constituem unidades complexas formadas a partir de uma base lexical, que pode ser um advérbio ou uma preposição, representado pela posição aberta X no subesquema, e pelo complementizador QUE. Esses conectores conceitualizam um cenário único e específico para a validação da situação descrita na oração núcleo. Partindo das descrições em Oliveira (2008, 2009), as propriedades semânticas e pragmáticas dessas microconstruções conectoras são resumidas na Figura 3.

Figura 3. Conectores restritivos positivos

[DESDE QUE] _{CondPos} CENÁRIO HIPOTÉTICO ÚNICO	[CONTANTO QUE] _{CondPos} CENÁRIO HIPOTÉTICO ÚNICO
<p>Serão boa fonte de recursos desde que realmente se consiga viabilizar o terceiro ponto importantíssimo</p> <p>Sem: Domínios de conteúdo e epistêmico, Projeção preditiva e inferencial, Distância epistêmica e Distância evidencial</p> <p>Prag: Adendo, Tópico</p>	<p>Amâncio trocava, dava-se de graça para as missas cantadas, para os sermões, contanto que o deixassem em paz</p> <p>Sem: Domínios de conteúdo e epistêmico, Projeção preditiva e inferencial, Distância epistêmica e Distância evidencial</p> <p>Prag: Adendo, Tópico</p>

Fonte: Elaboração própria

O mesmo acontece com conectores restritivos negativos. Igualmente, essas microconstruções conectoras constituem unidades complexas, formadas a partir de diferentes bases léxico-gramaticais. Os que analiso aqui, especificamente, se formam a partir da combinação do advérbio de exclusão 'menos' ou da estrutura negativa 'não ser', combinados com o complementizador QUE. Esses conectores conceitualizam um cenário único impeditivo para a validação da situação descrita na oração núcleo, daí a inversão de polaridade (já que a leitura aí é *se não p, q*). Assumindo a caracterização elaborada em Oliveira (2008, 2009), as propriedades semânticas e pragmáticas dessas microconstruções conectoras são resumidas na Figura 4.

Figura 4. Conectores restritivos positivos

[DESDE QUE] _{CondPos} CENÁRIO HIPOTÉTICO ÚNICO	[CONTANTO QUE] _{CondPos} CENÁRIO HIPOTÉTICO ÚNICO
<p>Não trabalhamos para montar carros velhos, a menos que ele atenda algumas exigências mínimas</p> <p>Sem: Domínios de conteúdo, epistêmico, atos de fala, Projeção preditiva e inferencial, Distância epistêmica e Distância evidencial</p> <p>Prag: Adendo, Tópico</p>	<p>não vão deixá-la em paz muito tempo, a não ser que disso tirem proveito</p> <p>Sem: Domínios de conteúdo, epistêmico, atos de fala Projeção preditiva e inferencial, Distância epistêmica e Distância evidencial</p> <p>Prag: Adendo, Tópico</p>

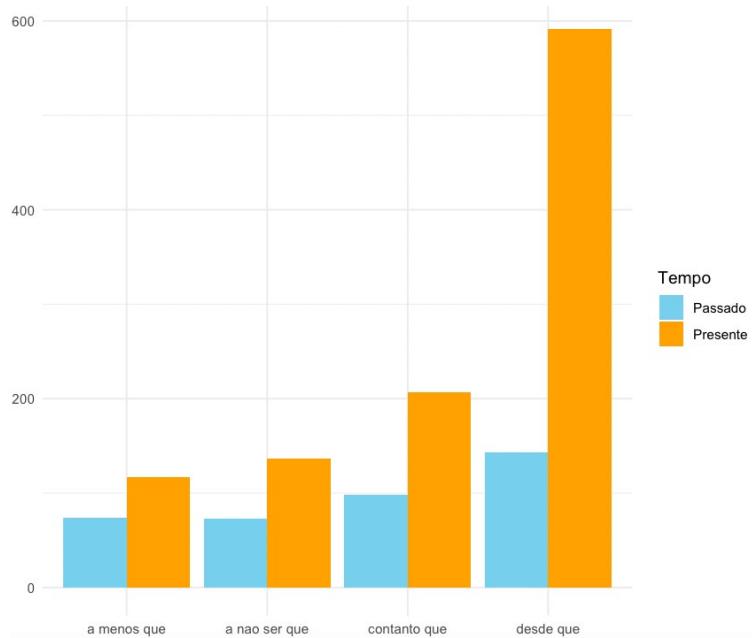
Fonte: Elaboração própria

Vejam que, embora formalmente distintas, essas microconstruções conectoras compartilham uma parte substancial de significado: podem conectar orações nos domínios do conteúdo e epistêmico e, por isso, podem projetar tanto uma condição preditiva (domínio de conteúdo), quanto uma inferencial (domínio epistêmico). No caso das microconstruções restritivas negativas, os conectores também conectam orações no domínio dos atos de fala, projetando a adequação comunicativa para uma asserção. Como consequência de seus usos nesses contextos, as microconstruções sob análise codificam tanto distância epistêmica (quando apenas marca a não factualidade da condicional), como a distância evidencial (quando o falante aciona uma informação disponível no evento de fala por outra fonte, geralmente o ouvinte, mas opta por marcá-la como não factual). Ou seja, estamos diante de pares de microconstruções (considerando cada subesquema) que se diferem estritamente apenas na forma, mas mantém, de algum modo, uma considerável similaridade semântica e pragmática.

Como então dar conta da similaridade semântica e pragmática observada entre as microconstruções conectoras, que, em termos de abstração de propriedades, não pode ser capturada? Para buscar essa resposta, volto aos contextos de uso dessas microconstruções, afinal, a Gramática de Construções é um Modelo Baseado no Uso, e é, então, exatamente no uso, que busco a resposta para esse questionamento. Até aqui, tenho dois subesquemas, instanciados por construções similares semântico e pragmaticamente. A partir daí, busquei diferenças contextuais para analisar os usos dessas microconstruções. Considerei para tanto, fatores clássicos usados na análise de orações adverbiais: a posição, os tempos e modos verbais e a polaridade da oração núcleo. Desses, dois fatores se mostraram mais relevantes, a posição e a polaridade da oração núcleo.

Para a análise dos tempos verbais, considerei as referências de passado, presente e futuro, associadas aos modos indicativo e subjuntivo. Nos dados analisados, não houve ocorrência das microconstruções conectoras associadas a tempos do indicativo. Esse fato corrobora a análise desenvolvida em Oliveira (2008), em que apresentei dados semelhantes. Isso se deve ao fato de o significado condicional estar apoiado sobre uma base causal hipotética, daí a preferência por tempos e modos verbais não factuais, que concorrem para a construção desse sentido. Nos dados analisados aqui, encontrei referências de presente e passado associadas ao modo subjuntivo, respectivamente o presente e imperfeito do subjuntivo, distribuídos de modo relativamente uniforme entre as diferentes microconstruções conectoras, como demonstra o Gráfico 1. Independentemente do *type*, as microconstruções conectoras ocorrem preferencialmente em condicionais em que figuram o presente do subjuntivo, responsável pela predição, capacidade que a condicional tem de projetar uma causa e, a partir dela, prever uma consequência. A, menos frequente para os quatro *types*, referência de passado é marcada pelo imperfeito do subjuntivo, responsável pela predição com recuo temporal. Como se vê, portanto, no Gráfico 1, os tempos e modos verbais que figuram na oração condicional em que as microconstruções conectoras ocorrem não diferenciam seus contextos de uso.

Gráfico 1. Tempo e modo da oração condicional

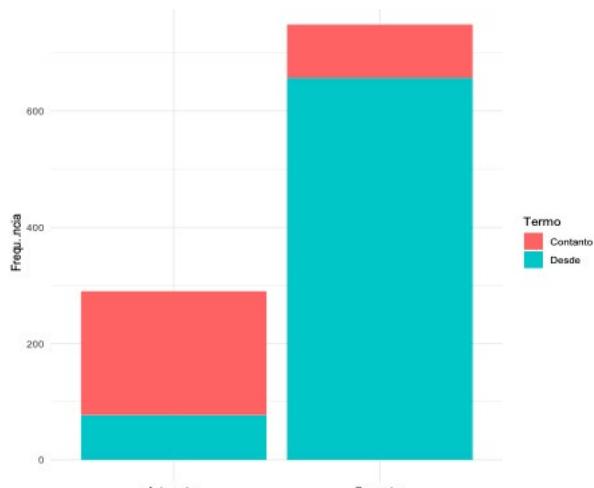


Fonte: Elaboração própria

Um primeiro fator que se mostrou relevante para a análise dos usos das microconstruções [contanto que] e [desde que] é a posição da oração condicional em que esses conectores ocorrem. Os falantes usam a microconstrução [contanto que] preferencialmente em condicionais antepostas e a microconstrução [desde que] em condicionais pospostas.

Essa diferença de contextos de usos fica bem evidenciada no Gráfico 2. A diferença de posição está associada às funções que cumprem as orações condicionais, que atuam como tópico, caso antepostas, ou adendo, casos pospostas (Haiman, 1978; Hirata, 1999). Há portanto, uma diferença no modo como a condicional estrutura a experiência cognitiva codificada na oração complexa. Quando tópicos, atuam como fundo, organizando cognitivamente o cenário alternativo dentro do qual a informação principal, figura, será enunciada. Quando adendos, a oração condicional atua para acrescentar informação suplementar e/ou corrigir alguma informação em relação à unidade informacional veiculada na oração núcleo. Aqui se nota, portanto, uma diferença significativa nos usos dos conectores sob análise e uma distribuição quase complementar entre os dois conectores sancionados pelo subesquema [X que]_{CondPos}.

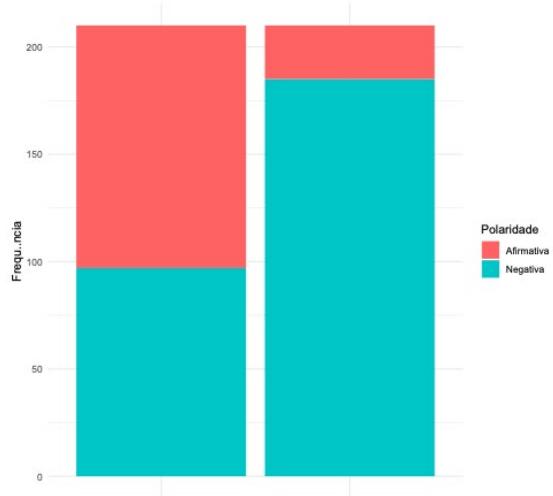
Gráfico 2. Posição da oração condicional



Fonte: Elaboração própria

No caso das microconstruções [a menos que] e [a não ser que], a polaridade da oração núcleo é que se mostrou um fator influente nos contextos de uso em que essas microconstruções aparecem. Conforme demonstra o Gráfico 3, orações condicionais introduzidas pela microconstrução conectora [a menos que] ocorrem preferencialmente combinadas com orações núcleo afirmativas, ao passo que condicionais introduzidas por [a não ser que] ocorrem majoritariamente articuladas a orações núcleo com polaridade negativa. Aqui, novamente, temos contextos em distribuição quase complementar, indicando a especialização dos usos das microconstruções associadas ao subesquema [X que]_{CondNeg}.

Gráfico 3. Polaridade da oração núcleo



Fonte: Elaboração própria

Para resumir, então, as informações recolhidas aqui, há que se ter em mente:

- no recorte analisado, há dois subesquemas associados ao significado condicional, cada um instanciado por duas microconstruções, com diferentes graus de convencionalização, mas não de significado;
- as microconstruções sob análise apresentam similaridades substanciais no que diz respeito à suas propriedades pragmáticas e semânticas, e diferenças contextuais significativas, mas não excludentes.

4. Implicações da similaridade na Gramática de Construções

Ora numa abordagem que seja em alguma medida funcional, as diferenças contextuais não são nenhuma surpresa, como já afirmado na introdução deste artigo. O problema que coloco aqui é, apesar de essas construções preferirem contextos específicos, elas podem, em alguma medida, acontecer em qualquer um dos contextos analisados. Veja que os gráficos não apresentam nenhuma relação *default*, e, no caso, dos tempos verbais essa diferença sequer se mostrou significante. Como, então, dar conta desse fato, considerando, especialmente, que a abordagem construcional entende que a modelagem da gramática é fundamentalmente acionada por processos cognitivos e pela experiência? O que revela, portanto, a experiência dos falantes do português sobre o uso dos conectores aqui analisados?

Poder-se-ia argumentar que traços do contexto podem estar convencionalizados como propriedade de significado da construção, entendendo, portanto, que esses traços fariam parte do pareamento forma-significado, especificados no nível da microconstrução. No entanto, o que fica demonstrado aqui é que, mesmo com menor frequência, as construções analisadas não se mostraram exclusivas de nenhum contexto, o que significa que esses traços ainda não se convencionalizaram a ponto de subespecificarem as microconstruções. Na descrição das propriedades de forma e significado em níveis altos de abstração, o esquema e o subesquema, o Princípio da Não Sinonímia se mantém. No entanto, em níveis mais baixos de descrição formal, diferenças sintáticas nem sempre correspondem a diferenças funcionais, como por exemplo, os conectores [contanto que] e [desde que], que compartilham a função de restrição positiva e atuam nos mesmos contextos, mas são formalmente distintos. As evidências sugerem que a sinonímia construcional pode ocorrer em níveis mais granulares. Em outras palavras, a descrição realizada aqui identifica padrões de realização formal que não codificam diferenças funcionais.

Aqui entendo que essa indeterminação enfraquece, em alguma medida, o Princípio da não sinonímia, que, portanto, pode não ser aplicável em todos os níveis de descrição linguística. Por isso, diante dessas informações, proponho aqui a **hipótese da similaridade construcional**. Embora as microconstruções analisadas não sejam sinônimas perfeitas, elas compartilham uma parte substancial de significado construcional e podem ser consideradas duas opções construcionais para conceitualizarem um mesmo evento do mundo biossocial. Nesse sentido, o princípio ideal seria, especialmente considerando a gradiência da gramática, uma visão de que a linguagem tende a favorecer uma forma para um significado, mas não de modo tão absoluto. Assim, assumiria que embora apresentem diferenças, construções também exibem semelhanças relevantes que devem ser levadas em consideração em uma teoria gramatical, em especial numa teoria gramatical que se rotula moldada pelo uso.

Ao assumir a hipótese da similaridade construcional e a **alternância construcional**, entende-se que, para além das generalizações baseadas na construção específica, existem generalizações baseadas em alternâncias que também consistem em informações armazenadas na representação cognitiva dos usuários. Rejeito, portanto, o pressuposto de Goldberg (2006, p. 25, tradução própria) de que um padrão construcional “é mais bem analisado por si só, sem considerar referências implícitas ou explícitas a um possível sintagma alternativo”⁴. Posicionamento semelhante pode ser encontrado em Capelle (2006), Perek (2015), Diessel (2019, 2023) e, para o português, em Machado Vieira e Wiedemer (2020).

⁴ No original: “[...] is best analyzed in its own terms, without relying on explicit or implicit reference to a possible alternative phrase”.

Aqui, invoco o processo cognitivo conhecido como **memória enriquecida**, de Bybee (2016, p. 59), segundo o qual os indivíduos não estocam as experiências individualmente, mas todo um conjunto de detalhes dessa experiência, que envolve contexto, inferências, frequência. “Representações cognitivas da gramática incluem informação específica sobre contextos de uso de exemplares e seus significados e implicações nesses contextos”. Ainda, “Uma vez que os exemplares fornecem um registro da experiência do falante com a língua, modelos que assumem exemplares como representações permitem a representação direta tanto da **variação** quanto da gradiência” (Bybee, 2016, p. 62).

Considerações finais

Meu ponto de partida neste artigo era analisar uma variedade de padrões de realização das construções conectoras condicionais, que podem ser mais adequadamente descritos como construções alternativas, ou seja, variantes formais que não codificam funções distintas, assumindo assim a hipótese da similaridade construcional. Considerando que a gramática é psicologicamente plausível e que tem como objetivo modular o conhecimento e as experiências do falante, é preciso levar em conta, também, o conhecimento que os falantes têm sobre a semelhança entre construções. E para finalizar, quero destacar algumas vantagens dessa abordagem:

- 1) **Modelagem da mudança diacrônica:** A competição entre construções pode levar a mudanças na frequência de uso, à extensão de padrões e até mesmo ao desaparecimento de construções. A hipótese da similaridade construcional permite entender como essas mudanças ocorrem na rede de construções ao longo do tempo, ilustrando como a competição entre construções similares molda o desenvolvimento das construções. É o que discuti, por exemplo, em trabalho recente sobre mudanças no subesquema [V que] condicional. Neste trabalho, observei que à medida que a microconstrução [supondo que] emerge e se consolida, competindo com outras construções sancionadas pelo mesmo subesquema e tornando-se mais o exemplar mais frequente, a microconstrução [dado que], também sancionada por esse subesquema, diminui significativamente seu uso, até não mais encontrar seu registro no português contemporâneo (Oliveira; Clemente, 2022);
- 2) **Aquisição:** no processo de aquisição, crianças generalizam não apenas padrões e regularidades rumo à abstratização e categorização, mas reconhecem similaridades e, por meio delas, expandem seus repertórios linguísticos;
- 3) **Priming:** o *priming*, processo por meio do qual uma forma linguística pode facilitar a ativação e o processamento cognitivo de formas linguísticas semelhantes, também demonstra a força da hipótese da similaridade construcional, já que a probabilidade de uma construção ativar outra é muito maior quando essas construções são similares, compartilham propriedades e podem ser usadas em contextos semelhantes.

É evidente que aqui não esgoto todos os testes para verificar a similaridade entre as microconstruções conectoras, outras propriedades contextuais como registro de uso da língua, tipos e gêneros textuais, domínio discursivo, testes psicológicos de reconhecimento podem e devem ser incorporados para a verificação da hipótese da similaridade construcional. O que fiz aqui foi tomar passos iniciais para defender a uma visão menos estanque do Princípio da não sinonímia, a favor da hipótese da similaridade construcional. Espero, assim, ter dado alguma contribuição à discussão.

Referências

- BOLINGER, D. *Meaning and form*. Londres: Longman, 1977.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions*. 2006.
- CEZARIO, M. M.; SILVA, T. S.; SANTOS, M. Formação da construção [Xque] coneç no Português. *E-scrita-Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, v. 6, n. 3, p. 229-243, 2015.
- CLEMENTE, C. G. C. *O subesquema [V_que] condicional no português*. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2020.
- CROFT, W; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford University Press, USA, 2001.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. 2006.
- DE VAERE, H.; KOLKMANN, J.; BELLIGH, T. Alloconstructions revisited. *Journal of Pragmatics*, n. 170, p. 96-111, 2020.
- DISSSEL, H. *The constructon: Taxonomies and networks*. Cambridge University Press, 2023.
- DISSSEL, H. *The grammar network*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- GIVÓN, T. *Language, function and typology*. 1985.

GOLDBERG, A. E. *Explain me this*: Creativity, competition, and the partial productivity of constructions. Princeton University Press, 2019.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work*: The nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Constructions*: A construction grammar approach to argument structure. University of Chicago Press, 1995.

GRIES, S. *Quantitative corpus linguistics with R*: A practical introduction. Routledge, 2016.

GRIES, S.; STEFANOWITSCH, A. Extending collostructional analysis. A corpus-based perspective on 'alternations'. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 9, n. 1, p. 97-129, 2004.

GYSELINCK, E. Modeling shifts and reorganizations in the network hierarchy. Sommerer and Elena Smirnova (ed.). *Nodes and networks in diachronic construction grammar*, v. 27, p. 107, 2020.

HAIMAN, J. Conditionals are topics. *Language*, v. 54, n. 3, p. 564-589, 1978.

HIRATA, F. B. M. *A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil*. 1999. 231 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 1999.

HOFFMANN, T. Construction grammar and creativity: Evolution, psychology, and cognitive science. *Cognitive Semiotics*, v. 13, n. 1, 2020.

HUDSON, R. *An introduction to word grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar*: A basic introduction. Oxford University Press, 2008.

LAPORTE, S.; LARSSON, T.; GOULART, L. Testing the Principle of No Synonymy across levels of abstraction: A constructional account of subject extraposition. *Constructions and Frames*, v. 13, n. 2, p. 230-262, 2021.

MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. *Sociolinguística no Brasil*: textos selecionados. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020. p. 265-304.

OLIVEIRA, T. P. A configuração vertical e horizontal da rede construcional. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.33, n.4, p. -27, 2025

OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, p. 45-66, 2014.

OLIVEIRA, T. P. *Conjunções e orações condicionais no português do Brasil*. 2008. 155 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2008.

OLIVEIRA, T. P.; DA CRUZ CLEMENTE, C. G. Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais. *Revista do GEL*, v. 19, n. 3, p. 58-84, 2022.

PEREK, F. Alternation-based generalizations are stored in the mental grammar: Evidence from a sorting task experiment. *Cognitive linguistics*, v. 23, n. 3, p. 601-635, 2012.

RSTUDIO TEAM. RStudio: Integrated Development for R. Boston, MA: RStudio, PBC, 2023. Disponível em: <https://posit.co>. Acesso em: 28 set. 2024.

SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (ed.). *Nodes and networks in diachronic construction grammar*. John Benjamins Publishing Company, 2020.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Campinas: Vozes, 2021.

VAN DE VELDE, F. Degeneracy: The maintenance of constructional networks. *Extending the scope of construction grammar*, v. 1, p. 141-179, 2014.

UHRIG, P. Why the principle of no synonymy is overrated. *Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik*, v. 63, n. 3, p. 323-337, 2015.

ZEHENTNER, E.; TRAUGOTT, E. C. Constructional networks and the development of benefactive ditransitives in English. *Nodes and networks in diachronic construction grammar*, p. 168-211, 2020.